

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O VENTO NO CINEMA — FAZER VER O INVISÍVEL

24 de Outubro de 2022

LOLA / 2009

LOLA

um filme de BRILLANTE MENDOZA

Realização: Brillante Mendoza *Argumento:* Linda Casimiro *Fotografia:* Odyssey Flores *Som:* Adiss Tabong (*desenho de som*), Rico Elvina, Andrew Milallos (*captação*), Stéphane de Rocquigny (*misturas*) *Montagem:* Kats Serranon *Música:* Teresa Barrozo *Direcção artística:* Dante Mendoza (Brillante Mendoza) *com* Harley Alcasid, Cris Garrido *Duplos (supervisão):* Rigo Ramirez *Efeitos visuais:* Tess Bautista, Frank Chico, Marilen Magsaysay *Assistente de realização:* Mark Sicat Dela Cruz *Interpretação:* Anita Linda (Lola Sepa), Rustica Carpio (Lola Puring), Tanya Gomez (Ditas), Jhong Hilario (Bebong), Ketchup Eusebio (Mateo), Benjie Filomeno (Domeng), Bobby Jerome Go (Jay Jay), Geraldine Villamil (Virgie), Nico Nullan (Nico), Hope Matriano (Linda), etc.

Produção: Swift Productions, Center Stage Productions (Filipinas, França, 2009) *Produtor:* Ferdinand Lapuz *Produtor associado:* Connie Go-Alcantara *Produtor executivo:* Didier Costet *Cópia:* 35 mm, cor, legendada em português, 115 minutos *Primeiras apresentações públicas:* 7 e 11 de Setembro de 2009, no Festival Internacional de Cinema de Veneza (selecção oficial) e nas Filipinas (em algumas salas) *Estreia comercial em Portugal:* 23 de Setembro de 2010 *Título internacional:* GRANDMOTHER *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Lola é um filme da estação das chuvas, mais que um filme do vento. Tudo o pouco que se passa passa-se numa Manila inundada pela monção quando duas velhas avós percorrem os caminhos cruzados por um crime de que o neto de uma é vítima e o de outra culpado. Houve um pequeno roubo, um rapaz esfaqueado, um rapaz que esfaqueou, a polícia prendeu o suspeito, é preciso enterrar um corpo morto e resgatar à prisão o que vive. O filme de Brillante Mendoza, quatro anos idos sobre a estreia na realização (*Masahista*, 2005) em linha com o momento do reconhecimento (*Kinatay*, premiado pela realização em Cannes, 2009), tem duas protagonistas: Sepa e Puring em marcha pela cidade movidas pelas missões de que se incumbem com todo o amor e o pragmatismo necessário até que, cumprindo-as, cada uma volte à sua vida rodeada de crianças, pobreza, dignidade. Na última vista, geral, é assim que as vemos, duas velhas mulheres a separarem-se em campo trilhando dois eixos distintos da posição frontal da câmara que as fixa.

Na primeira sequência, soprada do negro e dos sons da cidade, o vento agita com vagar tornando difícil o acender de uma vela com a chama de um fósforo para alumiar o local do crime, pela alma do rapaz morto por uma ninharia. Está lá toda a fragilidade que dá força a este filme. No vagar, a duração, em sintonia com a idade das personagens e os corpos franzinos das actrizes, os seus movimentos lentos e a paisagem alagada; na rugosidade da imagem e na mobilidade, na oscilação, na altura da câmara, uma mesma âncora no real como no realismo da perspectiva que navega outras dimensões; o mesmo no som captado em directo mas extirpado da algazarra das buzinas nas ruas de Manila — houve quem atentamente o notasse; no primeiro grande plano das notas, o móbil do dinheiro que marca a história em que não abunda, no avesso da naturalidade com que tal facto é encarado pelas protagonistas-habitantes da cidade e da sua periferia não urbana. *L'argent* de Bresson bem pode ser uma ideia menos

vaga, se tomada mais à letra do que em vertigem, que as aparentemente mais óbvias ressonâncias do título. Nem Ophüls nem Demy nem Fassbinder. Simples, conciso e concreto, *Lola* não é nome próprio, a palavra significa *avó* em filipino. E trata-se de uma história de avós e netos, em que não sobram as personagens de idade adulta e na qual, num lugar e momento de agrestes especificidades – as dos humanos, as dos elementos naturais –, é preciso cuidar dos mortos e dos vivos.

No tempo sem recuo da época, Brillante Mendoza notava que era preciso conhecer as Filipinas para entender a fundo este *Lola* em que se pôs a filmar a história de duas anciãs (interpretadas por Anita Linda e Rustica Carpio, actrizes populares no seu país de então) que, remando contra a sua condição física e pobreza, constrangimentos sociais e um sistema judicial pejado de dificuldades com a honestidade categórica da sua entrega, tentam fazer alguma coisa por si e pelos outros, serem solidárias. Por *conhecer as Filipinas* entendia a existência de uma espécie de fatalismo e uma aguda pulsão de sobrevivência, a necessidade de compromissos, como os que as avós deste filme aceitam fazer dispensando o esgrimir da culpa; a força dos laços familiares na sociedade filipina e as manifestações quotidianas da sua cultura e superstição religiosa, intensamente vividas; a realidade das monções e das cidades inundadas e o movimento embarcado da sua circulação nessas alturas; mas também a predominância do instinto numa filmagem.

Nas suas palavras (entrevista publicada na *Positif*, Maio de 2010): “Neste país, mais do que noutros lugares, o sistema judiciário funciona de maneira diferente para ricos e pobres. A justiça funciona segundo o estatuto social e os rendimentos de cada um. Queria mostrar que estas respeitáveis velhas senhoras são à partida impotentes para ajudar o outro, graças à dupla desvantagem da idade e da pobreza. Apesar da sua boa-vontade, pouco podem fazer. Mas têm a obstinação dos filipinos em quererem fazer alguma coisa além das suas capacidades, aquilo que podemos designar como a ingenuidade da fé das pessoas simples.” Ou: “Não cesso de questionar a razão pela qual os filipinos, jovens e velhos, ricos ou pobres, hétero ou homossexuais, esperam tanto da religião.” E: “Não tento manipular a realidade mas mostrá-la em estado bruto. É de tal maneira forte que não precisa de ser interpretada. Não preciso de inventar seja o que for. Para alguns europeus filmar esta realidade é já pecado. Em *Lola*, como em *John John* [2007], o motivo é em si mesmo dramático [...]. Não tento acrescentar drama ou melodrama, o meu tratamento narrativo é mais natural do que em outros filmes. [...] Digamos que tento apresentar o ‘conceito’ mais do que a história desta senhora que procura dinheiro desesperadamente.”

Minimalista, contido, sensorial, *Lola*, a “história simples” de Brillante Mendoza, é portanto um filme da estação das chuvas, com as personagens a cirandarem sob chuviscos e bátegas de chuva, a deslizarem pela água em pequenas embarcações que servem também de cortejo funerário. É como tem de ser quando as chuvas desaguam na inundação de cidades sobrepovoadas imprimindo-lhes o seu ritmo e o seu ambiente especiais. É o dado de partida, Mendoza esperou pela estação das chuvas e nela alicerçou o filme, entranhado do fluxo dos elementos e da qualidade do nervosismo vagaroso das suas personagens.